

RELATO DO PAINEL TEMÁTICO 2: CAPTAÇÃO DE RECURSOS

26/10/2016, auditório do bloco J, 16h00-17h30

Relatores: **Júlio Cesar Lopes de Souza**, estudante do PPGCC (juliolopes@furb.br) e **Julio Cesar da Silva**, estudante do PPGAd (profjuliosilva72@gmail.com)

Imagem 1 - Auditório do campus 1 - Bloco J



Fonte: FURB (<http://www.furb.br/web/1379/cultura-e-esporte/cultura/espacos-culturais>)

Auditório campus 1 - Bloco J

Prof. Milton Pompeu da Costa Ribeiro

Bloco J - Sala 102

Capacidade: 200 lugares

Painelistas: **Roberto Carlos Klann** (PPGCC); **Marcos Antônio Mattedi** (PPGDR), **Adilson Pinheiro** (PPGEA), **Henry França Meier** (PPGEQ) e **Jürgen Andreaus** (PPGQ)

Coordenador - **Prof. Roberto Carlos Klann** (PPGCC)

RELATO

O evento iniciou pontualmente às 16h00, com a presença dos painelistas e público. A abertura foi feita pelo Prof. Dr. **Roberto Carlo Klann**, coordenador do Painel. Neste momento havia uma audiência de 30 (trinta) espectadores, inclusive o Prof. Dr. **Alexander Christian Vibrans**, Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Cultura da Universidade Regional de Blumenau. Trinta minutos depois havia 51 pessoas acompanhando o Painel Temático 2: captação de recursos.

Imagem 2 - Audiência inicial do Painel Temático 2



Fonte: imagem coletada durante o evento.

CONTRIBUIÇÕES DOS PAINELISTAS (10 minutos por apresentador)

Roberto Carlos Klann (PPGCC)

O professor **Klann** iniciou sua fala reportando o esforço de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis/PPGCC, com 27 projetos em execução atualmente no PPGCC: 3 - FAPESC, 6 - PIBIC CNPq, 2 - PIBITI CNPq, 2 - PIBIC FURB, 2 - PIPE – Artigo 170, 03 - CNPq – PQ, 5 - CNPq – UNIVERSAL e 4 - MCTI/CNPq – SOCIAIS APLICADAS.

A seguir **Klann** falou a respeito dos três motivos de indeferimento de projetos, conforme a experiência tem mostrado: (1) Tema do projeto semelhante a outro projeto já financiado por órgão de fomento; (2) Proposta semelhante à publicação anterior e (3) O projeto não foi recomendado pelo Comitê por suas características técnico-científicas, produção científica ou tecnológica do coordenador, ou pela proposta orçamentária.

A respeito do deferimento de projetos, na terceira parte da alocação, o painelistas ressaltou os quatro principais motivos que favorecem a aprovação: (1) a inclusão de pesquisadores de outras Universidades ou outros programas de Pós-Graduação no projeto; (2) clareza e desenvolvimento da justificativa de maneira consistente, com bons fundamentos, com as contribuições muito bem pontuadas; (3) aderência do projeto à linha de pesquisa do grupo de pesquisa/coordenador e (4) nível de publicação na área.

Jürgen Andreus (PPGQ)

O professor **Jürgen** iniciou sua fala a respeito da captação de recursos, mencionando a importância da motivação, chegando mesmo a mencionar que "acreditar que o projeto irá dar certo" representa mais que 50% da possibilidade de sucesso. Adicionalmente a isso ter clareza dos objetivos a serem atingidos ajuda muito.

O painelistas também apresentou sua visão a respeito dos itens relacionados à captação de recursos, de maneira abrangente:

Motivação da proposta?

Edital (Órgão financiador?)

Científico
Manutenção do funcionamento do laboratório
Oportunidade

Interessados

Academia
Indústria
Sociedade

Resultados esperados / Onde quero chegar?

Formulação da proposta

Viabilidade
Planejamento das atividades
Planejamento dos experimentos
Metodologia escolhida
Distribuição das tarefas entre os participantes
Cronograma

Recursos solicitados

Faixa de submissão
Orçamento
Alocação dos recursos
Vinculação aos objetivos da pesquisa

Comitê avaliador

Quem elabora a proposta?

Imagem 3 - Apresentação do Prof. Jürgen Andreaus durante o Painel Temático 2



Fonte: imagem coletada durante o evento.

No final da apresentação o Prof. **Jürgen** (foto, em pé), ressaltou o modelo alemão de proximidade entre Universidade e as principais empresas que participam da vizinhança cooperativa, conforme a imagem abaixo. **Jürgen** comentou nesse momento o quanto esse modelo é positivo, mas no caso da Furb é algo distante, embora ele tenha conhecimento de casos isolados no Brasil. O desalinhamento cultural aqui [no Brasil] impede uma aproximação mais efetiva entre Universidade e Empresa. As partes não estão habituadas a isso.

Imagem 4 - Global player in close neighborhood of the University - Germany



Fonte: apresentação do Prof. Jürgen Andreaus.

Marcos Antônio Mattedi (PPGDR)

O professor **Mattedi** (foto abaixo, com o microfone) falou sem apoio de recursos audiovisuais, como slides, e fixou sua fala no âmbito "fonte de recursos".

Imagem 5 - Apresentação do Prof. Marcos Mattedi durante o Painel Temático 2



Fonte: imagem coletada durante o evento.

Inicialmente **Mattedi** afirmou que os diferentes tipos de capital, como financeiro, o social e o político, precisam ser considerados como parte de um todo interdependente. "As formas de captação irão mudar, do público, que era abundante, para outras formas, como a privada", concluiu o painalista.

O painalista fez uma abordagem histórica da pesquisa na Furb e afirmou que a Universidade desenvolveu muitas pesquisas nos últimos 20 anos, foi se profissionalizando. Contudo, conforme

asseverou **Mattedi**, a Universidade acabou por dar as costas para a própria Universidade. Mencionou nessa retrospectiva o professor **Adilson**, um dos pioneiros de pesquisa na Furb.

Mattedi comentou que haverá grande dificuldade nesse momento de crise, pois, segundo ele, a PEC241 achatará os orçamentos e para se investir em ciência e tecnologia será necessário tirar de outras áreas. Como continuar pesquisando na Furb em alto nível, num cenário de achatamento? Esse foi o questionamento que o painalista usou nesse momento da alocação.

Obs.: a Proposta de Emenda à Constituição/PEC 241/2016 prevê um limite anual de despesas para os três poderes ao longo das próximas duas décadas. Se a regra for aprovada, os gastos públicos só poderão aumentar de acordo com a inflação do ano anterior. Fonte:

<<http://especiais.g1.globo.com/economia/2016/pec241-umtetoparaosgastospublicos/>>

O painalista comentou que uma saída pode ser, em nível macro, se concentrar localmente e fazer convênios com os agentes locais, como prefeitura. **Mattedi** afirmou que a competição entre os pesquisadores irá aumentar, o que poderá resultar num conflito entre universidades públicas e privadas, todos disputarão menos recursos disponíveis. Estamos no final de um ciclo, finalizou **Mattedi**.

Em outro momento o painalista falou a respeito da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência/SBPC, que teria emitido um documento que indica que a ciência e tecnologia no Brasil foi deslocada para uma situação de menor importância, os cientistas passam a não mais decidir a respeito dos recursos financeiros envolvidos em pesquisa, o que representará um atraso.

A saída para essa conjuntura, saliente **Mattedi**, é a Universidade se voltar para a própria região de atuação, entender as demandas sociais e empresariais, trabalhar em parceria.

Outro aspecto salientado durante a apresentação está relacionado a algo mais próximo do pesquisador, a que **Mattedi**, chamou de "nível micro". Para o painalista atualmente um bom pesquisador precisa agir como um grande empresário, um hábil político. É necessário que o pesquisador seja, afinal, um empreendedor. Os pesquisadores precisam assumir o protagonismo do processo, ocupando espaços, como redes sociais, associações de classe, conselhos, entre outros. Para **Mattedi** o pesquisador clássico, de laboratório, dedicado às pesquisas básicas, tende a sumir. O mundo é outro e dinheiro para pesquisa somente não basta, é necessário apoio social e político.

Henry França Meier (PPGEQ)

O professor **Henry** (foto, com o microfone) começou sua participação falando a respeito do início da sua carreira, na década de 80 e 90, quando os projetos tinham financiamento privado. Eram os projetos Âncora, para empresas como Petrobrás. A partir de 2005 o ciclo passou a ser outro. Os laboratórios já estavam sedimentados e chegou a hora da ação dentro dos programas com recursos públicos, como CAPES, CNPQ e FINEPE.

Imagem 5 - Apresentação do Prof. Henry Meier durante o Painel Temático 2



Fonte: imagem coletada durante o evento.

O painelista comentou um fato negativo a respeito da proposição de projetos e ilustrou com uma experiência pessoal. Em certa ocasião **Henry** solicitou alteração de prazo e escopo de projeto, junto ao CNPQ. O projeto era vultoso e a equipe envolvia 30 pessoas, mas o que ocorreu é que a legislação mudou durante a os trâmites processuais da solicitação e o projeto foi iniciado em janeiro e encerrado em fevereiro. Todo os recursos foram devolvidos e o aprendizado que ficou, conforme o professor **Henry**, foi "não depositar todos os ovos numa cesta só. Portanto, depender de fontes únicas e públicas pode ser imprudente.

O professor Henry ofereceu uma citação de Einstein a respeito do sucesso, com um acréscimo pessoal, em vermelho:

Segredo do sucesso:

Sucesso=**x** + **y** + **z** + **w**

Onde:

x = trabalho

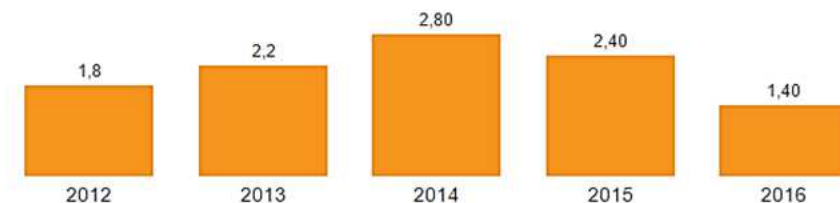
y = diversão

z = ficar de bico calado

w = preparar sucessores

Outro aspecto abordado tratou da queda nos investimentos nas bolsas dos professores pesquisadores, nos últimos anos. Nesse ponto da apresentação o painelista ilustrou sua fala com a reportagem do Jornal Folha de São Paulo de 24/10/2016, que tratou do orçamento destinado para professores pesquisadores com bolsa produtividade CNPQ, conforme a Imagem 6.

Imagem 6 - Orçamento destinado para professores pesquisadores com bolsa produtividade CNPQ - 2012 a 2015



Fonte: RIGHETTI, S. Corte na área científica deve afetar até bônus de produtividade docente. Jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://goo.gl/3PMN4A>>. Acessado em 27 outubro 2016.

Os desafios decorrentes desse contexto, conforme **Henry**, são seis, principalmente:

- Manutenção de equipe qualificada
- Custeio das atividades de pesquisa
- Manutenção de unidade experimentais
- Incremento de infraestrutura
- Burocracia para execução financeira

A PEC241, para **Henry**, sinaliza uma mudança de perfil em pesquisa, pelo congelamento de recursos por 20 anos. A concorrência aumentará, entre universidades públicas e privadas e a maior parte dos recursos serão direcionados para capacitação de recursos humanos, em detrimento aos investimentos no aparelhamento de laboratórios. Isso somado à grande burocracia na execução financeira, algo que atormenta os pesquisadores, quase inviabilizam as pesquisas. É tudo muito demorado e demasiadamente burocrática.

Henry comentou ainda que, na sua percepção, estamos voltando aos anos 90. Naquela época os pequenos projetos eram predominantes e, aparentemente, essa será a saída para o atual momento. O principal é fazer mais com menos, conforme o painalista.

No encerramento da sua fala o professor **Henry** mencionou a captação de fundos de pesquisa pela Universidade de Stanford, estadunidense, como uma boa prática a ser seguida. O painalista falou que Stanford conseguiria se manter por 50 anos somente com os recursos dos fundos que possui, sem captar nada. Mais informações a respeito do The Stanford Fund em <http://giving.stanford.edu/the-stanford-fund>.

Adilson Pinheiro (PPGEA)

O professor **Adilson** iniciou sua fala contextualizando os processos de captação de recursos para pesquisa, salientando que não gostaria de assumir uma postura negativa a respeito, porém precisava ser realista: mudanças são necessárias.

O painalista abordou a internacionalização da universidade, sua importância, e ressaltou que "não basta escrever em português e depois traduzir os resultados para inglês, isso não é internacionalizar".

Adilson afirmou ser a produção científica é o 'produto' dos pesquisadores e, numa abordagem distinta dos demais, disse que não é possível limitar a pesquisa ao âmbito local da Universidade, mesmo regional. As pesquisas da instituição devem ter, no mínimo, impacto nacional.

Também foi comentado pelo apresentador que outro aspecto significativo, a respeito do compartilhamento dos laboratórios e equipamentos. Não há espaço, segundo **Adilson**, para individualização e sempre que possível os equipamentos devem ser "multiusuários". Assim os custos, custeios e investimentos serão compartilhados entre os âmbitos envolvidos.

O painalista falou a respeito do funcionamento de "rede de pesquisa cooperativa", arranjo que teve oportunidade de participar, com o envolvimento de Instituições de Ensino do sul do Brasil, financiados por órgãos de fomento como FINEP. A participação da Furb em rede cooperativa permitiu a realização de uma série de projetos entre 2005 e 2014, conforme o professor **Adilson**. Isso resultou em troca de experiências e propiciou acesso institucional a infraestruturas distintas e importantes para a Universidade Regional de Blumenau. Neste momento nove instituições participam da rede cooperativa que a Furb aderiu, entre os parceiros estão a UFRGS, UFSM, UFPR e USP. Essa união compõe uma base de experimentação refinada, que de outra forma não seria possível.

Outro caminho apontado pelo apresentador diz respeito à necessidade de aproximação das agências de fomento europeias, uma alternativa interessante à escassez de fontes locais de recursos. Esses órgãos europeus de fomento atendem às demandas de seu próprio interesse e é necessário entender isso. Precisa-se, conforme comentou **Adilson**, é necessário estar abertos às novas parcerias, internacionalmente. Na atuação local, por outro lado, a Universidade precisa permitir que os parceiros usufruam da nossa estrutura, a relação institucional deve ser baseada na dinâmica do ganha-ganha.

Finalmente, o painalista afirmou ser necessário reavaliar as vocações da Furb, o que somos e o que queremos. Não é fácil, afirmou **Adilson**, passar de uma pesquisa de base para a aplicada. Esse é um processo lento. Apesar de tudo, conforme afirmado pelo painalista, o CNPQ irá se recuperar e conseguirá, inclusive, dar solução ao Programa Ciência sem Fronteiras.

Nota: Ciência sem Fronteiras é um programa que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. A iniciativa é fruto de esforço conjunto dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por meio de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e Capes –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC. Fonte: www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Na etapa final dos trabalhos os espectadores puderam fazer perguntas aos apresentadores e três questionamentos surgiram, conforme descrito abaixo e com base nas anotações durante o evento.

1ª Pergunta - Como a universidade pode buscar recursos na iniciativa privada, com sinergia e evitando o "canibalismo"? (por Júlio Silva, estudante do Programa de Pós-Graduação em Administração/PPGAd)

Imagem 6 - Júlio Silva fazendo o primeiro questionamento aos painelistas



Fonte: imagem coletada durante o evento.

Prof. **Mattedi**: - não existe formula pronta e é necessário entender as particularidades de cada área de conhecimento, suas características epistemológicas. R\$ 30.000,00 investidos em pesquisa na área das Ciências Sociais pode durar um ano, mas esse mesmo dinheiro para o Prof. Jürgen Andreus (PPGQ) não duraria nada. A ação a esse respeito deve começar a ocorrer na elaboração dos editais, a sinalização do que se quer na saída, os resultados esperados com a pesquisa. Esse cuidado deverá também acontecer na seleção de projetos, admissão de alunos, afastamento para estágio pós-doutoral, entre outros aspectos. Portanto, é essencial se voltar para as necessidades da própria sociedade. Por outro lado, também é essencial identificar as potencialidades e demandas das empresas. Para tornar viável isso torna-se importante a composição que seja composto um conselho de fomento à inovação e tecnologia, que considerasse ciência, pesquisa e inovação dentro de critérios acordados entre os membros. Essa ação envolveria todas as instituições de ensino da região, poder público e órgãos representativos. Não basta inovar, é necessário se aproximar da sociedade. A cultura da inovação é algo a ser perseguido e disso virá a institucionalização de novas práticas, isso se tornará mais natural.

Prof. **Henry**: - fui convidado a participar da Associação Comercial e Industrial de Blumenau/ACIB e, já no primeiro contato com esse órgão, conheci o associativismo. No núcleo que entrei a intenção é que projetos sustentáveis sejam unidos de forma a atender as demandas das empresas, de maneira associada. Dentro desse contexto a universidade tem um papel importante, proeminente, e poderá mostrar como pode contribuir através de ações específicas, como por exemplo, Trabalhos de Conclusão de Curso/TCC alinhados às necessidades das empresas. Um projeto assim poderia ser financiado pela Financiadora de Estudos e Projetos/FINEP. A iniciativa privada não conhece as potencialidades da universidade.

Prof. **Klann**: - captar recursos da iniciativa privada exige proximidade dos órgãos representativos de classe, como AMVI e ACIB. A Furb, não os Programas de Pós-Graduação, deve se movimentar institucionalmente para isso. Se o recurso público está diminuindo a Furb deverá alterar sua estratégia institucional de aproximação com a iniciativa privada.

Prof. **Adilson**: - a Furb está associada ao Distrito de Inovação de Blumenau e região, o que é ótimo, mas a cultura da empresa não está voltada ainda para isso, se associar com a Universidade. A vocação de pesquisa universitária ainda não está plenamente desenvolvida.

Prof. **Jürgen**: - esse processo é complexo e envolve as especificidades de cada área de conhecimento. Nem todas as áreas de conhecimento conseguem atender os empresários, o que é

mais fácil para uns é mais difícil para outros. O primeiro passo é cuidar do próprio aluno formado na universidade, que acaba representando externamente a qualidade dos projetos da Universidade. Outro aspecto são as empresas, que realmente não estão preparadas ainda para se aproximar da Universidade dessa forma, através da prestação de serviços. Não importa, no fundo, a origem dos recursos para financiamento da pesquisa, o importante é tornar a pesquisa viável, com capacidade de gestão dos recursos. O esforço do pesquisador não será substituído pelas fontes de financiamento. Atualmente os pesquisadores estão muito concentrados em como administrar processos, o que é lento. É necessário considerar as pesquisas como ações de longo prazo, até para haver tempo dos trâmites processuais envolvidos.

Prof. **Mattedi**: - em 1990 aconteceu o primeiro Programa de Pós-Graduação da Furb, em educação, naquele momento para suprir a necessidade interna de formar professores, para que não houvesse mais a necessidade de saída para se cursar externamente. Naquela época deveria ter sido iniciado mestrado e doutorado em informática, neste momento estaríamos colhendo os resultados e seríamos parceiros de empresas como a Senior.

Prof. **Vibrans**: - a Furb irá se esforçar para abrir as portas da Furb e incrementar a aproximação com entidades representativas, como ACIB. Essa época ruim, atual, com poucos recursos irá passar. A Furb não deve desperdiçar o capital intelectual acumulado nos anos anteriores.

Prof. **Adilson**: - a Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina/FAPESC não tem foco, isso é lamentável numa realidade que vivemos, com restrição orçamentária. A FAPESC deveria inserir os novos doutores nas equipes já consolidadas, evitar abrir novos grupos.

Imagem 6 - Prof. Alexander Vibrans opinando a respeito da aproximação entre Universidade e Iniciativa Privada



Fonte: imagem coletada durante o evento.

2ª Pergunta - como tornar mais ágil o relacionamento ente empresa e universidade, considerando preço praticado e o calendário das empresas? (por Vinicyus Wiggers, professor do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Química/PPGEQ)

Prof. **Mattedi**: - não há uma formula simples, a natureza do tempo para pesquisadores e empresários é diferente. Em nível micro essa mudança não ocorrerá rapidamente, até porque nosso financiamento depende de receitas privadas, a mensalidade dos alunos. Não somos iguais às Federais, embora sejamos públicos. A nossa lentidão burocrática nos atrapalha. Ser uma instituição pública é algo que somente favorece os servidores. Somos uma instituição pública com uma face

privada, pois há cobrança de mensalidades. Isso precisa ser melhorado. A universidade como um todo, estrutura e pessoas, está ficando obsoleta. O financiamento privado das pesquisas irá a médio prazo pressionar os orçamentos da instituição.

Prof. **Adilson**: - se a universidade quiser competir no mercado precisa dirigir seu relacionamento com empresas em longo prazo. A IES deve se empenhar na construção da inovação, do saber. Isso é algo único para a Universidade. Se buscarmos competir na prestação de serviços não teremos sucesso.

Prof. **Henry**: - a atividade de pesquisa leva tempo para se ter resultados, isso acontece no longo prazo. Os resultados da pesquisa, por outro lado, devem ser compartilhados, conforme os contratos firmados. É necessário cumprir e comunicar. É importante que os interlocutores envolvidos entendam de pesquisa, o que é isso. Internamente na Universidade não se conhece o que significa ainda e, até por isso, as pessoas envolvidas precisam ser formadas especificamente, para que entendam como se atende as demandas externas. Isso irá acelerar os processos. O tempo da indústria precisa ser atendida em seu tempo, mais rápido. Considero projetos com, até, 6 meses devam ser considerados prestação de serviços. Acima desse tempo, 6 meses, é realmente pesquisa. Dentro da Universidade essa articulação, a interlocução, deveria ser feita pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Cultura/PROPEX, através do Núcleo de Inovação Tecnológica/NIT.

Prof. **Klann**: - nem todos os pesquisadores dos programas tem perfil para atendimento externo. Mesmo os de mestrados profissionais, que mais se parecem os programas acadêmicos. Isso ocorre, até porque as empresas não têm a cultura de interagir com as Universidades. As culturas não estão alinhadas. Casos de parceria bem-sucedidas como a com a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis/ANP e Agência Nacional de Energia Elétrica/ANEEL são exceções, nesses dois casos as culturas estão bem alinhadas.

Prof. **Tarcísio Silva**, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis/PPGCC: - aprendi que para desenvolvermos projetos bem-sucedidos precisamos tempo, calma e estratégia. Tempo para desenvolver o projeto; calma, a confiança que dará certo e estratégia, a previsão das formas para fazer tramitar melhor os processos, conseguir os recursos.

O painel se encerrou 17h35.